

OS "PASSOS DA CRUZ" E A INICIAÇÃO *

HAQUIRA OSAKABE
(UNICAMP)

Para Dalila Pereira da Costa

É bastante geral o consenso de que a crise existencial e metafísica de Pessoa nos seus últimos quatro anos, ou mais rigorosamente nos últimos três anos, esteve ligada diretamente à definição de um caminho iniciático. Datam desse período poemas conhecidíssimos tais como "O Último Sortilégio", "Iniciação", "Na sombra do Monte Abiegnó", "Do Vale à Montanha". Menos conhecidos e talvez mais importantes para mim no presente ensaio são vários textos e poemas de reflexão iniciática até agora inéditos e publicados em dois livros organizados e corretamente comentados por Pedro Teixeira da Mota: **Poesia Mágica, Profética e Espiritual** e **Rósea-Cruz**. Através da leitura desses dois volumes que, em parte, retomam alguns textos publicados por Ivete Centeno, é possível observar que a totalidade dos textos *datados* se enquadram nos últimos anos do poeta e que boa parte dos demais textos similares deve pertencer a esse terrível período de provações e sombras por que passou o poeta. Várias são as perspectivas pelas quais se podem hierarquizar ou organizar os conteúdos desse conjunto de textos. Mas a grande novidade no caso reside num número bastante representativo deles em que Pessoa se refere a *Christo* e aos elementos da *Christandade* repondo em termos bastante diferentes aos dos textos assinados por António Mora a respeito do Cristismo-Cristianismo, bem como especificando em termos agudos as reflexões do heterônimo-filósofo em relação à Gnose.

Como nos referimos em outra ocasião¹ a Gnose seria uma alternativa tanto ao paganismo cético-estóico de Ricardo Reis, quanto ao paganismo primitivo de Caetano de Almeida.

* Este é o texto que li em prosseguimento a uma série de debates promovidos pela Ornabi — Organização Nacional de Bibliotecas — a respeito de Fernando Pessoa. Interessou-me na ocasião tratar de modo filosófico-literário a questão da Iniciação em Pessoa. Por ocasião de um primeiro debate patrocinado pela mesma Ornabi foi organizada uma mesa com Maria Helena Garcez, Gilberto Kujawski de Mello e eu. Escrevi para aquela ocasião o texto "Pessoa e o Paganismo", que foi publicado no nº 17 da **EPA**. O presente texto, que constitui um aproveitamento mais substancial das questões levantadas no primeiro, foi proferido como conferência posterior que teve como debatedor implacável Zeliko Loparic, a quem agradeço as inúmeras observações que espero ter levado em consideração nesta versão.

¹ "Pessoa e o Paganismo", in **Estudos Portugueses e Africanos**, nº 17.

Como diria António Mora em texto de 1917, a Gnose decorre do conflito entre o cristismo e o misticismo neoplatónico, e permaneceu, como heresia, nos Templários, nos Rosa-Cruzes e na Maçonaria. Mais de dez anos decorreriam para a depuração do valor da Gnose, proposto neste texto como alternativa salvífica para os crescentes dramas do poeta.

É que, segundo a hipótese de Dalila Pereira da Costa, Fernando Pessoa, na verdade, foi acometido de duas crises místicas². A primeira situada entre os anos de 1914-1917, e a 2^a, como dissemos, de 1931-1935.

Segundo a mesma autora, na primeira fase estão lançados os termos espirituais e as orientações básicas que acompanhariam o poeta até o fim de sua vida; ainda segundo ela, uma temática mais existencial do que intelectual e que se pode concentrar num único decisivo nome: *o absoluto*. Mas *o absoluto* condicionado por um processo de conhecimento unicamente existencial: *o saber salvífico*. Aquele que, uma vez atingido, conduz o homem para o *ponto* definitivo. O mais é dor, conforme diria o poeta:

*Meu pensamento é um rio subterrâneo.
Para que terras vai e donde vem? (...)*

*E eu relembro de tempos mais antigos
Que a minha consciência da ilusão (...)*

*E a idéia de uma Pátria Anterior
À forma consciente do meu ser
Dói-me no que desejo, e vem bater
Como uma onda de encontro à minha dor.³*

Mas voltemos à questão da Gnose tal como ela se propõe como universo teológico disponível ao poeta ainda jovem.

Em primeiro lugar, a Gnose vincula-se diretamente a um processo de *cognição*, antes referido como intelectual, e agora como alguma coisa assentada no plano da intuição. Por quê? Tentando estabelecer uma coerência entre este primeiro período e uma série de atividades que o poeta desenvolveu nele (tais como a tradução de textos esotéricos, o conhecimento dos rosa-cruzes, a prática da intuição em terrenos pouco ortodoxos como magia e Astrologia), vê-se claramente que a valorização da atitude gnóstica só poderia no caso sustentar-se no desenvolvimento de faculdades outras que não a inteligência racional. Ora, se o tema permanente das especulações do poeta é o absoluto e se sua questão básica é a formulação das vias de acesso a ele, pode-se

² Ver *O Esoterismo de Fernando Pessoa*, Porto, Lello e Irmão, 1971, Cap. II.

³ Fernando Pessoa, *Obra Poética*, R.J., Nova Aguilar, 7^a ed., 1977, p.122.

inferir que o exercício da intuição viria a se mostrar como a via mais indicada. Como diria acertadamente Dalila Pereira da Costa:

O conhecimento foi para Pessoa uma experiência vivida. Conhecer foi para ele uma modalidade de ser, atividade não separável da sua existência, pois que fazendo parte do seu ser integral e possuindo uma finalidade soteriológica, toda a sua vida e obra são demandas de redenção pelo conhecimento, poético e contemplativo, os dois tomados e assumidos como exemplares exercícios espirituais⁴

Acrescente-se a isso, retomando o que dissemos acima, que a forma do conhecimento em questão é a *via da intuição*, forma mística por excelência.

Em texto citado por Pedro Teixeira da Mota, Pessoa faria uma distinção entre *magia* (o conhecimento para o poder) e *intuição* (o conhecimento para a mística). Ora, o que seria a mística senão a trajetória Integrativa para o Absoluto?

Colocadas estas questões podemos passar aos "Passos da Cruz", conjunto de Poemas cuja composição deve datar, segundo o seu estilo e segundo outros poemas correlatos, ao primeiro momento místico de Pessoa. Pertence êle, portanto, ao mesmo período em que o heterônimo António Mora formulava suas teorias sobre paganismo. Isto, por um lado. Por outro é também resultante do contacto primeiro e particular que Pessoa tem com a tradição Gnóstica, e em particular com a Rosa-Cruz. Diz ele, em carta datada em 1915, dirigida a Sá Carneiro:

O carácter extraordinariamente vasto desta religião, teosofia; a noção de força de domínio, de conhecimento superior extra-humano que ressumam as obras teosóficas, pertubaram-se muito. Couisa idêntica acontecera há muito tempo com a leitura de um livro inglês sobre os Ritos e os Ministérios Rosa-Cruz. A possibilidade de que ali, na teosofia, esteja a verdade real me hante.⁵

É no impacto desse contacto místico, portanto, que Pessoa escrevera esse estranho e profético "Passos da Cruz". Estranho, pois a inspiração mística de Cristo ainda não é naquele momento a grande tópica da reflexão metafísica de Pessoa; e profético porque antecipa *como um todo coeso* tudo aquilo que fragmentariamente o poeta tentará vislumbrar em seus últimos anos: a figura de Cristo elidida e aludida neste extraordinário poema virá à tona como o reprimido que finalmente emerge nos seus mistérios para se apontar o caminho esquecido.

⁴ V. Dalila Pereira da Costa, **Op.Cit.**, pag. 13.

⁵ Cit. por João Gaspar Simões, **Vida e Obra de Fernando Pessoa**, Lisboa, Bertrand, 1981, pp.560-561.

Nos "Passos da Cruz" essa ligação envergonhada tem, no entanto, além da função inequivocamente iluminadora, outras funções, como veremos a seguir.

Colado sobre as quatorze estações da Via-Sacra, esse poema, ordenado também de 1 a 14, pode ser considerado como formalização poética da intuição de Pessoa sobre o significado místico daquele ritual cristão. Retomando como parâmetro de nossas considerações as conferências espirituais de Dom Columba Marmion intituladas **Jesus Cristo nos seus Mistérios**⁶, temos que a Via-Sacra constituiu-se, a partir do Séc.XV, na retomada Simbólica da peregrinação que os fiéis do Ocidente faziam a Idade Média pelos lugares santos para "venerarem as pegadas sanguinolentas do Salvador". De regresso às suas terras esforçavam-se por conservar carinhosamente a lembrança dos dias passados em Jerusalém. Segundo o mesmo autor, a Via-Sacra constitui a retomada da *Paixão*: "o santo dos Santos Mistérios de Jesus, ela é a culminação da missão de Cristo no Mundo, obra para a qual todas convergem ou da qual tiram seu valor e eficácia"⁷. Para a Igreja Católica, a fecundidade da contemplação dos sofrimentos de Jesus está em que a *Paixão* é a sua obra por excelência, estando nela cumpridos tudo aquilo que foi enunciado, pelo Salmista e pelo Profeta. Cristo *realiza* tudo o que foi lhe predito. Em segundo lugar, pela *Paixão*, o Filho louva glorifica o Pai e introduz definitivamente no homem a certeza da infinita Bondade deste. Além disto é pela *Paixão* que Cristo faz brilhar toda as suas virtudes, modelo irretocável, de compensação, abnegação, caridade, fé, etc. Dessa visão modelar segue-se a idéia de sua imitação. A cada estação, portanto, Cristo apresenta-se com um tríplice caráter de mediador, que nos salva pelos seus merecimentos; perfeito modelo de virtudes sublimes; de causa eficaz que pode realizar em nossas almas, pela sua onipotência divina, as virtudes de que nos dá exemplo.

Pensada dessa forma, só mesmo indiretamente ou com uma outra interpretação se pode admitir que a Via-Crucis poderia ter interessado ao então "anticatólico", anti-Cristista Fernando Pessoa. De todos esses conteúdos quais ou qual de fato poderia ter apelado tanto à sensibilidade do poeta a ponto de inspirá-lo na feitaura dos "Passos da Cruz"? Na falta de certeza, utilizemo-nos de algumas hipóteses:

— Em primeiro lugar não nos esqueçamos daquilo a que nos referimos anteriormente: a insistente tematização por Pessoa sobre o absoluto e o questionamento de sua vias de acesso;

— Em segundo lugar, afora o absoluto, e o apaziguamento que lhe é consequente, admitamos como um dos próprios pessoanos a idéia de que o mais é *dor* — ou, portanto, de que a existência é dor, na medida em que é resultante de uma queda.

⁶ Dom Columba Marmion, Porto, Ed. Ora et Labora, 1951.

⁷ Dom Columba Marmion, *Op.Cit.*, pag. 315.

Há algo de um certo platonismo nessa dupla formulação, de que um belíssimo poema do período será a manifestação mais cristalina; dele já citamos uma parte; convém agora estender mais a citação:

*E eu me lembro de tempos mais antigos
Que a minha consciência da ilusão
Aguas divina percorrendo o chão
De verdores uníssonos e amigos,*

*E a idéia de uma Pátria anterior
À forma consciente do meu ser
Dói-me no que desejo, e vem bater
Como uma onda de encontro à minha dor.*

*Escuto... Ao longe, no meu vago tato
Da minha alma, perdido som incerto,
Como um eterno rio indescoberto,
Mais que a idéia de rio certo e abstrato...*

*E p'ra onde é que ele vai, que se extravía
Do meu ouvi-lo? A que cavernas desce?
Em que frios de assombro é que arrefece?
De que névoas noturnas se anuvia?*

*Não sei... Eu perco-o... E outra vez regressa
A luz e a cor do mundo claro e atual,
E na interior distância do meu Real
Como se a alma acabasse, o rio cessa...*

Aqui o lugar *pátria* sincretiza o Absoluto, que num dado momento anterior do poema se sobrepõe a Idéia de *Deus*, em direção a quem percorrem os rios do pensamento, que se estanca com a intrusão da luz e da cor do mundo claro e atual/distante do Real. Daqui um terceiro e importante conteúdo que poderia ser atribuído por Pessoa a Via-Crucis e ao Cristo com o qual, aparentemente no momento, não tinha ele afinidade confessada: trata-se da idéia da *proscrição*, ou da *queda*, ou do exílio — Cristo feito homem; a alma presa pelo invólucro do mundo.

A Igreja fala na fecundidade da contemplação dos mistérios da Paixão como via salvífica, através da Imitação. Não me parece que Pessoa assumo no interior do Poema nem a Imitação nem o processo *salvífico* ou expiatório. A culpa cristã assentada sobre a idéia do Pecado não fala forte a Pessoa nesse período. A *dor*, que lhe impregna a existência de cada dia, provém do estranhamento com que vê o transcórrer anônimo dos dias e das horas, e das pessoas com as quais não tem afinidade alguma:

*Assim idênticos à hora toda
Em seu pleno sabor,
Nossa vida será nossa anteboda:
Não nós, mas uma cor,
Um perfume, um meneio de arvoredo
E a morte não virá nem tarde ou cedo...*

*Porque o que importa é que já nada importe...
Nada nos vale
Que se debruce sobre nós a Sorte,
Ou, tênue e longe, cale
Seus gestos... Tudo é o mesmo... Eis o momento
Sejamo-lo... Pra quê o pensamento?...⁸*

Portanto, nada de expiação ou culpa, mas sim o sentimento fortíssimo de *desterro*, da distância, da queda: "Da minha idéia de mundo/Caí", diria ele naquele momento.

Mas enquanto para Pessoa o *desterro* é o que não mostra sentido algum, para a Igreja o *desterro* de Deus na figura do Filho tem o sentido maior da expiação, obra-prima que funda todos os mistérios sobre que se assenta o Catolicismo. Tanto assim que mesmo na hora da maior amargura, o filho disse que se fizesse a vontade do Pai e não a dele. O Filho desterrado dignifica por sublime a espécie humana que a partir daí se acha não mais desterrada mas recomposta para a glorificação de Deus. Aqui a diferença entre os dois *desterros*. Mas fiquemos com a idéia geral *desse* exílio, deixando para depois a discussão das diferenças. Temos assim sinteticamente que

— O apelo da Via-Crucis tem a ver, em Pessoa, com sua busca de um Absoluto nomeável ou não com Deus;

— Tem a ver com a concepção platônica de uma experiência prévia dessa totalidade;

— Tem a ver com o sentimento de que a existência é dor contínua, porque o aprisionamento ao contingente é a concreção do sentimento do *desterro*. O Homem é estranho em seu mundo, como Deus o fôra entre os homens.

No entanto, nos "Passos da Cruz" há uma primeira pessoa que se enuncia várias vezes e de diferentes formas; é sempre o mesmo que se qualifica diferentemente na progressão das estações. Procuremos discerni-lo nas formas mais explícitas:

⁸ Fernando Pessoa, **Obra Poética**, p.118.

"Há um poeta em mim que Deus me disse"

*"Venho de longe e trago no perfil,
Em forma nevoenta e afastada,
O perfil de outro ser que desagrada
Ao meu atual recorte humano e vil.*

*Hoje sou a saudade imperial
Do que já na distância de mim vi...
Eu próprio sou aquilo que perdi..."*

*"Emissário de um rei desconhecido,
Eu cumpro informes instruções de além (...)"*

Retenhamos dessas citações uma primeira significação já referenciada: a do *desterro*; e duas outras que, de alguma forma, tentam atribuir ao desterro um sentido, uma orientação que leve à superação de uma outra constante das poesias de Pessoa no período: *o tédio*. É na segunda estação que o eu se diz "o poeta que Deus (lhe) disse".

É na penúltima estação que ele se dirá "emissário de um rei desconhecido" que cumpre "instruções de além". Se atentarmos para este poema será difícil negar que esse não seja o sentido do segundo poema. É enquanto emissário de um Rei desconhecido que o poeta, que Deus diz, se realiza através das "bruscas frases que a (seus) lábios vêm". Esse fazer que é o poético, concebido antes da queda, será a sua *missão*, a missão do *Eu*. E aqui uma analogia se faz evidente, mas por oposição: tal como Cristo teve sua missão na terra, o sujeito do Poema tem-na também sediada na poesia. Ambas as missões, apesar da diferença, comportam um componente salvífico que se revela altamente diferenciado: é que o Cristo tem como missão a salvação do Outro e o sujeito dos "Passos da Cruz" tem como missão a própria salvação. A *salvação* pela palavra poética que lhe aponta de antemão a via salvadora se fará na reconstituição não imitativa, mas análoga à experiência de Cristo. Vejamos por quê. Analogamente ao Cristo, o poeta é o desterrado, a centelha divina aprisionada pela matéria, é ele também como Cristo o libertador do espírito, aquele cuja missão (em benefício próprio ou não) está em fazer da vida a obra redentora. Messias ou poeta, em ambos há uma profecia que se cumpre, um anunciado que chega, um inevitável devir. É dessa forma que à Figura de *Filho* se superponha no poema o Poeta, o Emissário. Apenas que, se em Cristo a complacência e a resignação são a manifesta consciência da constituição da Obra Divina, em Pessoa elas não existem, e daí a mágoa, a dor, a saudade adâmica.

*"E nesta estrada para Desigual
Florem em esguia glória marginal
Os girassóis do império que morri..."*

"Disperso... E a hora como um leque fecha-se...
 Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar...
 O tédio? A mágoa? A vida? O sonho? Deixa-se..."

Não será difícil ver nesta auto-figuração um processo nitidamente substantivo em que ao Cristo sucede o Poeta, conferido de uma grandeza messiânica. Ao contrário da *Imitação* em que se assenta a devoção da Via-Sacra, o poeta se inclui como sujeito desse rito postulando a predestinação ao caminho sagrado. Este detalhe é na verdade o elemento que introduz o caráter heterodoxo do texto. Dizem as instruções das várias Vias-Sacras que consultamos que a contemplação e a imitação do sofrimento e da resignação de Jesus são fecundas mas geradoras das graças de Deus tal como foram concedidas tais graças a quem seguisse com amor o caminho do calvário ou assistissem à sua imolação. Dom Columba Marmion exorta: "Nunca esqueçais que Jesus Cristo não é um modelo morto e inerte: pelo contrário, sempre vivo, produz sobrenaturalmente em quem dele se aproxima nas devidas disposições a perfeição que contemplam na Sua pessoa".⁹ Ora, no texto de Pessoa, não se tem uma imitação, mas uma substituição por analogia: portanto, o deslocar do Homem da posição contemplativa para a posição experiencial. Não mais a contemplação e a imitação, mas a *subjetivação da experiência mística*.

Trata-se, portanto, da assunção plena de um *Calvário* peculiar e de um modo totalmente peculiar: o modo inciático. Ao contrário do *Fiel* que ao reconstituir as estações da Via-crucis espera ganhar maiores graças da parte de Deus, o sujeito do Poema — "Poeta que Deus diz"; "Emissário de um rei desconhecido" — espera, mais do que as graças, a contemplação viva do Absoluto: "Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo". De que servem os Passos da Cruz senão para reintegrar ou *iniciar* o sujeito no obscuro trajeto para *Ele*? E a forma dessa reintegração, ou dessa Iniciação, tem como base não mais o progressivo sofrimento de Jesus Cristo mas a conquista *interior* de um saber, condição fundamental para a contemplação final do absoluto. Não que o saber elimine a dor, o sofrimento, mas não é a dor a condição necessária para a depuração cognitiva. Senão vejamos:

No poema a dor é um dado da condição humana do *degrado*. E o lamento do poema se inscreve na tópica tradicional platônica ou proto-platônica do *degrado*, e no sentimento inequívoco do paraíso perdido.

Não se trata, portanto, de um sofrimento que aumenta em progressão até o insuportável e culmina com a morte do corpo, como ocorreu com Jesus. O que progride paulatinamente no texto, na medida das estações, é aquilo sobre que sempre se assentaram as esperanças pessoais: o conhecimento — não da razão, como o dissemos,

⁹ Dom Columba Marmion. *Op.cit.*, pág. 319.

mas aquele que provém daquilo a que denominamos *subjetivação da experiência mística*.

É isso que faz com que o poema caminhe desde a amorfia decadente do 1º soneto ("O Outono mora mágoa nos outeiros/E põe um roxo vago nos ribeiros.../(...)/Tons do poente segredam nas arcadas") até a incisiva indicação do soneto XIV ("E, perto ou longe, grande lago mudo,/O mundo, o informe mundo onde há a vida.../E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...").

O trajeto entre ambas as situações será o de um processo iniciático em que o caráter experimental sensitivo-intuitivo renderá ao sujeito o vislumbre da via-definitiva. Em termos esotéricos, será transformar passo a passo o Jesus que há no indivíduo no Cristo que o torna sujeito de experiência, consciência finalmente ativa de seu trajeto. Se Jesus sofreu passo a passo sua condição humana para conquistar pelo *sofrimento* a condição divina e redentora, o poeta *sentirá* passo a passo sua condição humana para conquistar pelo conhecimento a condição divina de onde veio e para onde irá.

Na impossibilidade de fazer a análise de cada passo, tomemos alguns momentos capitais deste processo que se localizam nos sonetos II, IV, VI, XI.

O 2º passo corresponde, na Via-Crucis, ao momento em que é entregue a *Cruz* a Jesus, esta simbolizando o sacrifício e a glória, os inevitáveis destinos do Homem-Deus. Ganha concreção física assim a obra que começa a se construir, definindo-se pelo símbolo o destino há muito traçado.

E é justamente neste 2º passo que se define também a missão do sujeito do poema. Tal como o Pai designara o Filho para a missão redentora, também é Deus quem diz o poeta que existe no sujeito e que define a partir daí a *rota* a ser traçada, a *missão* a ser tornada obra.

Já a estação quatro é o momento em que Cristo encontra sua mãe. O soneto recompõe de certo modo esse momento, com uma espécie de refrigério no seu trajeto cognitivo, mas um refrigério abstraído da contigência, puro gesto. É explicável. Da mesma forma com que do poema se extrai Cristo da sua historicidade, se abstrai da mulher-mãe sua condição terrena, refrigério metafísico numa caminhada ainda a meio-termo.

O outro soneto escolhido é o VI, que remete ao episódio da Verônica, a mulher que limpa o rosto de Jesus e que, segundo a lenda, teria estampado no pano o rosto dolorido do salvador.

É esse o mote que Fernando Pessoa apanha ao dizer "(...) trago no perfil,/Em forma nevoenta e afastada,/O perfil de outro ser que desagrada/Ao meu atual recorte humano e vil". Pessoa fala não do perfil que se *fixa* como o de Cristo mas no intemporal a que se temporaliza:

"Eu próprio sou aquilo que perdi..."

Isto, tocado ainda pela dor da perda e pelo sentimento de uma reminiscência inevitável.

Não será aqui que se vislumbrará o momento luminoso e decisivo do salto espiritual. Ser saudade imperial é pouco futurível.

Parece-me que é no soneto XI que se dá de fato a iluminação.

Corresponde ele ao ápice do sacrifício, o corpo ganhando finalmente a forma da *Cruz*: a perfeição geométrica da *Dor* e da *Glória*. É este o momento preciso em que, ao afirmar-se o não sujeito do destino ("Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela/E oculta mão colora alguém em mim.") atinge ele finalmente a *consciência vivida* de seu percurso e, mais do que isso, a orientação deste: "E, abrindo as asas sobre Renovar,/A erma sombra do vôo começado/ Pestaneja no campo abandonado...". É o início do vôo. A partir daí todos os sonetos serão um abrir-se lento para afirmar-se o destino maior da alma.

Grosso modo, pode-se dizer que os "Passos da Cruz" contêm três patamares distintos: o primeiro, o do Eu mergulhado no nevoeiro indistinto do tédio, terreno, e inscrito num movimento decadente, decaído e outonal; aqui o conhecido é ainda informulado em relação ao presente e ao futuro; a única certeza é a de origem arcaica e de uma pré-existência. Um segundo momento é o do início da formulação da consciência e da impregnação do destino por um significado ascendente. E o terceiro, o da luminosidade vislumbrada que ocorre, não por acaso, no último soneto — que corresponde à deposição de Cristo no sepulcro.

Re-situando o poema no período em que fora escrito, tem-se nele uma intenção *iniciática*. Mais talvez: auto-iniciática.

Pessoa está ainda longe das formulações mais explícitas do último período de sua vida. Neste, a adesão ao Cristianismo, ao Roseacrucianismo e ao Templarismo está claramente assumida, e explicitada está a via iniciática que envergonhadamente se enuncia nos Passos da Cruz. Uma adesão pessoana, no entanto.